

*Discurso na solenidade de assinatura de contrato de intercâmbio de energia elétrica entre a Eletrobrás, a Eletrosul e a empresa elétrica uruguaia Administración Nacional de Usinas y Transmisiones Eléctricas (AUTE)*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE JANEIRO DE 1997

*Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, grande amigo do Brasil e meu amigo pessoal, Julio María Sanguinetti; Senhor Ministro interino das Relações Exteriores, Embaixador Sebastião do Rego Barros; Senhor Ministro da Indústria, Energia e Mineração do Uruguai, Julio Herrera; Senhor Ministro de Estado das Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhor Governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto; Senhores Senadores; Deputados; Senhores Secretários de Estado; Senhores Signatários do contrato de intercâmbio de energia elétrica entre o Brasil e o Uruguai; Senhoras e Senhores,*

Dá-nos uma grande alegria não só o fato de estarmos hoje, aqui, assinando um conjunto de medidas, que são importantes para a vinculação mais direta entre o Uruguai e o Brasil, no campo energético, mas, principalmente, por fazê-lo na presença do Presidente Sanguinetti e de tantas personalidades uruguaias que o acompanham.

Essa alegria, que já foi expressa nesta manhã, no Senado Federal, no Congresso Nacional, quando o Doutor Sanguinetti recebeu a mais alta condecoração daquela Casa, na verdade, hoje se renova aqui, no Executivo.

Tenho a certeza de que, se caminhássemos pelas ruas e disséssemos que estávamos com uruguaios, todos sentiriam a mesma emoção: a satisfação de saber que temos, na nossa fronteira, um país amigo e pessoas que são como se fossem brasileiros.

Com o Governador Britto, que é Governador do Rio Grande do Sul, eu sempre brinco, dizendo que tenho muito medo dessas aproximações sucessivas com o Uruguai. Nunca se sabe onde é que esses gaúchos ou “gauchos” vão parar.

Minha preocupação, Presidente Sanguinetti, agora é crescente, porque, ainda ontem, nós assinávamos um protocolo com a Venezuela. E o Governador de Roraima vai mais frequentemente a Caracas do que vem a Brasília.

Isso, por um lado, alivia Brasília, porque significa que, também em Caracas, há fontes de apoio para o desenvolvimento de Roraima, mas, por outro lado, também sentimos essas forças de difusão do Brasil.

Mas essas forças de difusão nos agradam, na verdade. Nós estamos constituindo um grande país sul-americano, que é o velho sonho bolivariano, que se constitui com o nosso entusiasmo, sem estar em oposição a quem quer que seja. Estamos constituindo, aqui, uma zona de paz, uma zona de integração econômica, uma zona de crescimento econômico e tomara que, também, uma zona de mais justiça social e igualdade. Acredito que tocou a nós a possibilidade de concretizar muitos dos sonhos dos nossos ancestrais.

Ontem, tive o prazer de receber Vossa Excelência, assim como Dom Raul Alfonsín, ex-Presidente da Argentina, e o Presidente José Sarney, além de outros, que haviam sido condecorados, para um encontro de amizade no Palácio da Alvorada. E fiz questão de recordar, no brinde, que o estado de ânimo nas relações externas dos nossos países, notadamente do Uruguai e do Brasil, do Brasil e da Argentina, da Argentina e do Paraguai, que constituímos o núcleo forte do Mercosul, começou a se desenhar quando era presidente deste país o Presidente Sarney e do Uruguai o Presidente Sanguinetti.

Isso prosseguiu no governo do Presidente Itamar Franco e, agora, quisesse eu ou não, já é de tal maneira uma coisa aceita, acolhida e parte

integrante da visão brasileira que nós só poderíamos fazer o que estamos fazendo: dar continuidade e, ainda, com mais entusiasmo, se isso for possível, a esse tipo de relacionamento.

Esse relacionamento, que, no caso uruguaio-brasileiro, tem uma vida já muito longa, sempre foi muito positivo. Há cidades nossas, como a cidade em que nasceu o Governador Britto, Livramento, que está separada do Uruguai, ou melhor, está junta do Uruguai só por uma rua. É alguma coisa de notável. E não é só lá. É em Chuí, em Jaguarão, em várias áreas do Sul que nós temos essa mesma relação de proximidade com os uruguaios, que é uma relação, repito, de fraternidade.

Mas, agora, estamos, de alguma maneira, dando um passo adiante, porque estamos interligando as nossas economias. E, aqui, “interligar” não é força retórica de expressão, é verdade. É uma interligação do sistema energético.

É muito importante essa conversora, assim como será mais importante, ainda, o passo subsequente, quando nós poderemos alcançar uma linha de transmissão, creio que de 300 kVA ou coisa semelhante. Não sou especializado na matéria, mas me parece que isso vai dar um peso ainda maior, ou melhor, uma ligeireza ainda maior, na fluidez da energia entre o Uruguai e o Brasil.

Isso é muito importante, porque une, de uma maneira consistente, as nossas economias. E nós, daqui para frente, não podemos mais pensar o Brasil sem o Uruguai e o Uruguai sem o Brasil. E o que digo sobre o Uruguai posso dizer com respeito aos nossos outros vizinhos, incluindo alguns que não estão no Mercosul de forma plena, como a Bolívia, ou outros que estão ainda um pouquinho mais distanciados, como a Venezuela, com a qual estamos fazendo um esforço semelhante.

Isso, Doutor Sanguinetti, tem a ver com a mudança radical de mentalidade que ocorreu em “nuestra América”. Nós, que nos conhecemos na Cepal, na época em que se pensava o mundo de uma maneira um pouco diferente, pudemos acompanhar essas transformações.

E pudemos entender que as decisões não podem mais se dar no espaço nacional, ainda que seja um país do tamanho do Brasil. Ainda que seja um país do porte do Brasil, no mundo de hoje, chamado de

“aldeia global”, as decisões têm que ser decisões que tomem em consideração um espaço mais amplo não no antigo sentido, da dominação de um pelo outro, mas no sentido moderno, de uma sinergia que permita uma relação benéfica para as partes envolvidas.

O Brasil tomou essa decisão, há algum tempo, basicamente no setor energético. Repito o que tenho dito ultimamente: nós não comprávamos nada de petróleo da Argentina, até o momento em que eu fui Chanceler da República; o Itamar Franco, Presidente da República e o Doutor Rennó, Presidente da Petrobras, quando, então, por decisão estratégica, no bom sentido, de visar uma união futura, tomamos a decisão de comprar petróleo da Argentina.

Até então, havia um desequilíbrio na nossa balança comercial. O Brasil tinha um superávit constante de 1 bilhão de dólares, “mil milhões de dólares”. Nós não achávamos que isso fosse positivo. Não achamos que isso seja positivo. É preciso haver um reequilíbrio. Relação comercial boa é quando os dois lados ganham. Não é jogo de somar zero, em que um ganha sempre e o outro perde sempre. Tomamos a decisão e, hoje, compramos mais de 1 bilhão de dólares de petróleo só da Argentina.

A mesma coisa estamos fazendo com a Venezuela. Era zero a compra de petróleo da Venezuela. No ano passado, foram 600 milhões de dólares. E vamos ampliar essas compras.

Já temos uma experiência mais antiga, em energia elétrica, com o Paraguai, com a Itaipu, que nos leva a uma união indissolúvel, mais forte que os matrimônios, Presidente, porque é indissolúvel mesmo.

Pois bem, agora estamos buscando a ampliação com o Uruguai, com a Argentina, no mesmo sentido, e com a Venezuela. Depois de décadas de sonharmos com a integração das bacias produtoras de gás da Bolívia e, quem sabe, amanhã, do Peru e da Argentina, finalmente chegamos não só a acordos com a Bolívia, mas estamos começando a construção de um gasoduto, de um *pipeline*, que vai fornecer gás da Argentina para o Sul do Brasil.

Então, doravante, repito a imagem, nosso matrimônio passa a ser mesmo indissolúvel, porque os nossos interesses estão concretizados

fisicamente. E estamos começando a desenhar uma América do Sul também estruturada com as suas rodovias, com as suas ferrovias, com a questão fundamental das ligações bioceânicas, seja via Chile, seja via Peru, seja via Equador. De toda maneira, estamos redesenhando o mapa da América do Sul para que dele derive uma integração consistente e duradoura.

Não somos, sequer, pioneiros. A Europa fez isso antes de nós. A Europa tomou essas decisões, no que diz respeito ao gás. Trouxe gás – pasmem – da antiga União Soviética, com muito espanto, realmente, na época. Mas, hoje, ninguém mais se espanta com nada, em matéria de integrações. Isso começou na Europa por causa do carvão e do aço, quando nem se podia sonhar que houvesse o que existe hoje: a União Européia.

Não fomos, portanto, pioneiros, mas estamos andando mais depressa. Estamos andando mais depressa na nossa integração e, aí, sim, buscando formas inovadoras de integração.

Eu acho que o Uruguai tem tido um papel central nesse processo, pelas peculiaridades do Uruguai – peculiaridades históricas –, pela ação consistente de suas elites políticas, pelo fato de que os partidos majoritários do Uruguai, que, diferentemente dos nossos, estão há mais tempo no jogo do poder e há mais tempo, também, compreenderam que há interesses nacionais que se sobrepõem às diferenças partidárias. Com toda essa compreensão da elite política uruguaia, os uruguaioi têm nos dado um exemplo, real e efetivo, de relacionamento político.

Não por acaso, os uruguaioi têm tido, não só no âmbito da relação do Mercosul, mas no nível das Nações Unidas, um papel de relevo no Banco Interamericano de Desenvolvimento e em toda a parte, porque, talvez por suas peculiaridades, puderam compreender antes de nós que não há destino nacional – e o destino há de ser nacional – que não esteja embasado numa visão que vá além das suas fronteiras, para que elas possam, efetivamente, serem fronteiras de paz e de prosperidade.

Esse é, Presidente, um país amigo, país que tem esse desempenho tão extraordinário que nós, brasileiros, estamos aqui tendo o gosto de estarmos juntos e de assistirmos ao esforço – e termino reconhecendo esse esforço – dos Ministros de Minas e Energia dos dois países, das

respectivas corporações energéticas, dos engenheiros que se debruçaram sobre essa matéria, dos empresários e trabalhadores que vão ser beneficiados por essas decisões, que, de toda forma, daqui por diante, não têm mais volta.

Hoje, os papéis que assinamos já têm um caminho na prática, e esse caminho não tem volta. Em geral, quando não se tem volta, tem-se medo, não nesse caso. Nesse caso, nós estamos saudando, realmente, uma caminhada em conjunto, que será benéfica para o Brasil e para o Uruguai, na mesma proporção, não no mesmo tamanho, mas na mesma proporção do necessário, porque só assim se estabelecem relações como as nossas: estáveis, pacíficas e duradouras.

Muito obrigado aos senhores.